A LITERATURA INFANTIL E SUA COMPLEXIDADE

VANESSA VOLPI MACHADO

RESUMO

Este artigo busca apresentar ao leitor informações essenciais sobre a relevância das narrativas infantis. Nos contos de encanto e nas histórias para crianças, os pequenos começam a perceber que seus temores e incertezas diminuem à medida que refletem sobre eles, e suas interações sociais são marcadas por conflitos menores devido a momentos de diálogo sobre as regras de convivência e respeito estabelecidas pelo educador. O amor surge através do respeito ao próximo, de atitudes altruístas e afetuosas. Dessa forma, a criança percebe que a amizade é uma conquista fundamental para sua vida diária. As narrativas infantis ajudam as crianças a lidar com sentimentos de angústia e frustração. Por meio delas, as crianças começam a compreender que coisas negativas podem ocorrer na vida de alguém, mas são passageiras, pois sempre há uma pessoa benevolente, que pode ser uma fada, uma mãe, avó, tia ou até mesmo a professora, para auxiliar na resolução dos problemas.

Palavras-chave: Conquista; Temores; Respeito.

INTRODUÇÃO

As Histórias e os Contos possuem a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolismo. Desse modo, pode-se afirmar que narrar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, principalmente, o desejo de relatar os sonhos, indícios de uma vida imaginativa mais intensa.

Observa-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou escuta uma narrativa, vivencia diversas experiências e inicia um processo de imaginação, estabelecendo uma conexão entre a história e sua própria realidade.

As histórias e os contos de fada contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, e há uma grande influência deles na cultura brasileira.

Através dos contos de fada, é possível analisar os conflitos internos dos indivíduos, principalmente das crianças, e suas atuações em qualquer sociedade.

De acordo com Freud (citado por Franz, 1962), todo sonho é uma expressão relevante da vida interior, e sua interpretação é o caminho para a compreensão do inconsciente. Freud (citado por Franz, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, e que são um fenômeno humano universal. Na história, a sucessão de eventos representa a experiência interna do herói - uma história latente - em uma linguagem simbólica.

Ao lerem ou ouvirem histórias, as crianças entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens, podem avaliar as situações de forma mais objetiva. Assim, ao se depararem com os processos internos e se identificarem com os personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distanciada, o que facilita a compreensão do problema apresentado e das sugestões para a solução.

Devemos ter em mente que ao analisar os significados dos contos, é possível se apegar excessivamente a certos aspectos que não existem em narrativas mais antigas.

Ler um conto de fadas para uma criança ou permitir que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o mundo infantil, pois atuam como uma ponte entre a criança e a realidade, ajudando na resolução de conflitos e na formação da personalidade, por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

A inclusão de elementos mágicos, personagens em busca de tesouros, heróis com habilidades diversas, entre outros, desperta a curiosidade da criança pelo mundo literário, ultrapassando a mera narrativa e permitindo o trabalho com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

ENREDO DE UMA HISTÓRIA

É evidente que o infante absorve as experiências de sua existência e anseia expressar suas emoções através dos contos que ouve, portanto, a atuação de um especialista em psicopedagogia é absolutamente essencial durante o processo de ensino e aprendizado. Segundo Amarilha (1997, p. 53):

> Ao entrar na trama de uma narrativa, o ouvinte ou leitor penetra no teatro, mas do lado do palco ele não só assiste ao desenrolar do enredo como pode encarnar um personagem, vestir sua máscara e viver suas emoções, seus dilemas. Dessa forma, ele se projeta no outro e por meio desse jogo de espelho, ganha autonomia e ensaia atitudes e esquemas práticos necessários à vida adulta.

Assim, ao ouvir uma narrativa, a pessoa se imerge nela, sondando seus sentimentos e emoções, que podem estar influenciando sua vida de alguma maneira.

Os contos de fadas são contados em um território imaginário - um espaço mágico de possibilidades; um herói ou uma heroína, ou às vezes ambos, enfrentam desafios, medos e calamidades em um mundo que, embora tenha alguma semelhança com as condições normais da existência humana, na maioria das vezes diverge dela em seu funcionamento, levando os protagonistas - e nós, leitores ou ouvintes da história - para um lugar diferente onde maravilhas são comuns e desejos são realizados.

Os personagens que produzem milagres de esperança nas histórias variam de um lugar para outro, à medida que emergem de sistemas de crenças locais que pertencem à tradição.

A tradição pode conter elementos imaginários, mas também vestígios da história: fadas e duendes, de um lado, bruxas astutas e madrastas, de outro. A história é frequentemente uma história imaginada: o rei Arthur inspirou romances que, por sua vez, carregam motivos de contos de fadas e enredos - objetos encantados (espadas, espelhos, taças), testes e enigmas, perigos de monstros e florestas, viagens de sonho e um senso do outro mundo próximo à mão.

Os contos de fadas evocam todo tipo de violência, injustiça e má sorte, mas para declarar que isso não precisa continuar. Segundo Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

onforme Coelho (1998), a obra mais renomada de Perrault recebeu o título de "As Histórias da Mãe Gansa", sendo que esta era uma personagem

(Mère l'Oye) de antigos contos populares, muito conhecidos pelos franceses: seu papel era narrar histórias para seus filhotes encantados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiqüíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) apresentam outras características encontradas nas histórias de Andersen, que o consagram atualmente como o pai da literatura infantil: "a literatura destaca três importantes aspectos que tornam a obra de Andersen única: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança." (2009, p.137).

Coelho (1998, p.78) conclui afirmando que: "Em suma, percebe-se, em todos os contos de Andersen, o esforço de racionalização do imaginário, em benefício de um mundo real mais gratificante para todos os homens.".

Os antigos modelos autoritários, nos quais a criança é apenas o receptor passivo de normas, devem ser substituídos por literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo, e buscam desenvolver e estimular sua criticidade para que se torne um sujeito transformador.

A literatura leva a criança a questionar sua condição no mundo, considerando que a consciência do mundo ocorre a partir do momento em que a criança consegue estabelecer uma relação com o livro e, a partir deste, construir um sentido para sua realidade.

É importante lembrar, no entanto, que, no caso da literatura infantil, essa mediação, entre o leitor e o livro, pode ser realizada por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 1987, p. 29)

Muitos escritores, ao discorrer sobre a imaginação, tentam encapsulá-la em conceitos. Para Girardello (2011, p.76), a "imaginação é para a criança um território de liberdade e de voo em direção ao possível, seja realizável ou não".

A literatura é, indubitavelmente, uma das manifestações mais expressivas do desejo constante do ser humano de conhecimento e controle sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as eras, desejo que permanece latente nas narrativas populares herdadas do passado distante. Fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos humorísticos, roman-

ces, contos maravilhosos, e os contos de fadas etc.

Todas essas maneiras de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, fundidas, confundidas, transformadas se espalham por toda parte e permanecem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo.

Segundo Coelho (2000) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, por meio da palavra, na verdade ela funde os sonhos com a e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. É o enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados na tevê.

As crianças, à medida que se desenvolvem, devem aprender passo a passo a se entenderem melhor, e com isso tornam-se mais capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa.

Para que esse desenvolvimento ocorra, as histórias devem ser bem contadas de forma que despertem o interesse das crianças. A história vai perdendo sua característica de saga local e se transforma em Contos de Fadas, como nos fala Franz:

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com Bettelheim (1979), apenas pode afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré-literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1979, p. 34)

O PODER DAS NARRATIVAS INFANTIS COMO FORMA DE LITERATURA

Ao explorar a leitura dos contos de fadas, podemos compreender as preocupações que ocupavam a mente de nossos ancestrais. As experiências e vivências que moldaram a humanidade são transmitidas por meio das histórias contidas nesses contos, utilizando uma linguagem simples que tem significado em qualquer idade.

Quando as crianças se envolvem na leitura dessas histórias, acreditam que seus próprios conflitos podem ser resolvidos da mesma maneira. Ao se familiarizarem com as questões apresentadas nos contos, elas desenvolvem uma compreensão mais profunda do que está acontecendo em seu próprio inconsciente. Além disso, as histórias abrem novas dimensões para a imaginação da criança, que não poderiam ser descobertas por conta própria. Elas percebem que as situações retratadas nos contos são semelhantes às suas próprias vivências, mas com a presença do elemento maravilhoso, que sempre conduz ao desfecho feliz com a frase "e viveram felizes para sempre". Isso permite que as crianças acreditem no que o conto narra, pois a visão mágica e otimista do mundo apresentada na história ressoa com a sua própria visão. Dessa forma, as crianças estabelecem um diálogo entre suas questões internas e externas de maneira mágica, onde sua imaginação é ativada e elas podem recriar um mundo de acordo com seus desejos.

A criança entra na fase de latência utilizando o mecanismo de sublimação, e a aprendizagem escolar pode se tornar muito gratificante, pois é vista por ela como uma forma de brincar e reparar objetos internos. (TINOCO, 1999, p. 25).

Segundo Freud (citado por Fromm, 1962), todo sonho é uma expressão importante da vida interior e sua interpretação é o caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado por Fromm, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo fenômenos universais da experiência humana. Em uma história, a sequência de eventos representa a experiência interna do herói - uma história latente - em uma linguagem simbólica.

Ao lerem ou ouvirem contos de fadas, as crianças entram em contato com seu material inconsciente/latente. Ao se identificarem com os personagens, elas podem avaliar as situações de forma mais objetiva, como se observassem a

situação de fora. Isso facilita a compreensão do problema apresentado e das sugestões para a solução.

É importante ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, devemos evitar apegar-se excessivamente a certos aspectos que não existem em narrativas mais antigas.

OS CONTOS INFANTIS E O PSIQUISMO

As histórias mais populares hoje foram coletadas e documentadas por entu-

siastas como os irmãos Grimm, ETA Hoffman e Hans Christian Andersen. Ao fazer isso, codificaram histórias que sempre estiveram em fluxo, passando de contador para contador, ganhando e perdendo detalhes como em um jogo de telefone sem fio. Mas, uma vez que existiram na forma escrita, tornaram-se textos que os estudiosos podiam analisar e, para Freud e Jung, eram tão produtivos quanto a galinha dos ovos de ouro.

Ambos os homens tinham suas teorias sobre por que essas narrativas ressoam tão profundamente na psique humana. Para Jung, seus personagens são arquétipos, e o motivo pelo qual podem parecer unidimensionais é que cada um representa diferentes facetas de nossa personalidade.

Para Freud, os contos de fadas originavam-se do mesmo lugar que os sonhos, e motivos como florestas e espinhos indicavam desejos reprimidos e fantasias de realização de desejos. Freud sendo Freud, estes são frequentemente de natureza sexual.

Seu pensamento influenciou fortemente o teórico psicanalítico Bruno Bettelheim, cujo livro The Uses of Enchantment se tornou um sucesso no final dos anos 1970. Nele, ele descreve como a floresta em Os dois irmãos "simboliza o lugar em que a escuridão interior é confrontada e trabalhada; onde a incerteza é resolvida sobre quem é; e onde se começa a entender quem se quer ser.

Desde os tempos antigos, a floresta quase impenetrável na qual nos perdemos simboliza o mundo escuro, oculto e quase impenetrável de nosso inconsciente. " Bettelheim, que também encontrou os complexos de Édipo e Electra em Branca de Neve e A Bela Adormecida, sugeriu que Jack e o Pé de Feijão tratava de masturbação e viu a inveja do pênis e a ansiedade de castração destacadas em Cinderela.

As diferentes teorias psicanalíticas podem ser agrupadas em várias escolas de pensamento. Todos estes diferem uns dos outros, mas quase todos colocam ênfase no forte poder manipulativo dos elementos inconscientes que tem na mente ou na vida mental das pessoas.

A teoria topográfica é derivada da obra de Freud "a interpretação dos Sonhos (Freud, 1896). A psicologia do ego sugerida pela primeira vez por Freud em seu trabalho de inibições, sintomas e ansiedade (1926) e refinada e desenvolvida por Hartmann, Kris e Loewenstein sugere que o ego é autônomo e que as funções mentais são independentes da origem. Essas funções são: o controle motor, percepção sensorial, pensamentos lógicos, abstração, habilidade adaptativa, julgamento sobre o perigo, pensamentos simbólicos, tomada de decisão executiva, concentração, orientação, fala e autopreservação entre outras (Zipes, 1993).

A inibição é apontada por Freud como um método que pode ser usado pela mente para interferir nessas funções a fim de evitar emoções dolorosas. No entanto, déficit e atraso ocorrem em tais funções. Por exemplo, Esquizofrenia é caracterizada com o déficit ou a incapacidade de organizar pensamentos. Psicanálise de Jacques Lacan: Integra a filosofia hegeliana, semiótica, com a psicanálise. Defende o retorno a Freud e enfatiza a necessidade da leitura da obra freudiana e não parcial. Sua obra diz respeito ao "palco do espelho". Existem outros tipos de psicanálise como a psicanálise interpessoal, culturista, relacional, interpessoal - relacional, intersubjetiva e a psicanálise moderna. A pedagoga brasileira Fanny Abramovich (2006, p. 120) diz que:

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... (...) Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias" ...).

"Embora a fantasia seja "irreal", os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro são "reais", e estes bons sentimentos reais são o que necessitamos para sustentar-nos". (BETTELHEIM, 2000, p. 157).

A LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E ALFABETIZAÇÃO

É possível afirmar que, desde os primeiros anos de vida, a criança se envolve com a literatura como uma forma de brincadeira, diversão ou entretenimento. Quando ingressa na escola, ela também entra em contato com a literatura não apenas com propósitos recreativos, mas com outras finalidades: aprender a ler e escrever, adquirir conhecimento cultural, moral, religioso e pedagógico.

Nesse sentido, é relevante mencionar as palavras de Rodríguez (1991), que destaca que, desde o nascimento, a criança é exposta a produtos literários que sua cultura oferece por meio de diferentes meios de comunicação, como televisão, rádio e cinema. Ela ouve canções de ninar, é contada histórias ou as histórias são lidas para ela.

Quando a criança começa a falar, ela brinca com as palavras, canta canções e aprende enigmas. Esse fato determina que as crianças possam assimilar algumas regras ou características do texto literário de forma inconsciente. Isso permite que desenvolvam

esquemas de antecipação sobre o funcionamento da linguagem escrita, os quais serão extremamente úteis para a aprendizagem da leitura.

Portanto, entre as primeiras atividades espontâneas de expressão oral e leitura da criança, encontra-se o interesse por histórias. Esse gênero literário é amplamente utilizado pelos educadores para ensinar a leitura em sala de aula e, portanto, é comum, apropriado e aceito em todas as faixas etárias (VANNINI, 1995).

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, 1998, p. 143).

Da mesma maneira, a narrativa é uma ferramenta que estimula a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico das crianças, permitindo que elas se expressem de diversas maneiras. Desde a fase inicial da educação e pré-escolar, as crianças demonstram interesse em explorar e se envolver com diferentes materiais de leitura e escrita, que as incentivam a expressar suas experiências tanto reais quanto imaginárias, dando espaço para suas próprias ideias, emoções e sentimentos emergirem do seu mundo interior. Portanto, o uso de histórias se torna uma ferramenta didática valiosa para acompanhar as crianças emocionalmente e de forma criativa em seu processo de formação.

A literatura infantil desempenha um papel significativo na transmissão de cultura, na integração de diferentes áreas do conhecimento, como história, música, arte, psicologia, sociologia, entre outras, no enriquecimento de conceitos e na formação de valores. Além disso, a literatura tem um papel fundamental na escola e em casa como uma ferramenta que facilita a abordagem dos processos de leitura e escrita.

O principal objetivo de incorporar momentos regulares de leitura na sala de aula deve ser baseado na recreação e na curiosidade, e não como uma tarefa escolar. Para isso, o contato inicial nos primeiros anos deve ser interessante e prazeroso, onde o professor lê e conta histórias para os pequenos por meio de livros com ilustrações atrativas. Acredita-se que o professor deva atuar como mediador entre a criança e o texto, pois a pessoa aprende a ler por meio da leitura de boas obras, apresentadas de maneira inteligente e com progressão gradual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que o prazer da literatura infanto-juvenil, iniciado na pré-escola e nas primeiras séries através de contos e dramatizações, seja interrompido ao longo da escola.

É triste a escassa dedicação da sala de aula a esse material de leitura durante um período em que crianças e jovens começam a ler com maior autonomia e quando seus interesses e preferências podem ser facilmente cultivados. É conhecido que algumas crianças aprendem a ler com facilidade, enquanto outras o fazem percorrendo caminhos tortuosos. Independentemente do método que professores e pais utilizem para auxiliá-los, é necessário expô-los e envolvê-los com “livros autênticos”.

Quando os livros são disponibilizados para crianças e jovens, eles começam a buscá-los e sua habilidade de leitura se amplia. Associado à disponibilidade está o interesse, já a falta dela pode causar, tanto em crianças quanto em adultos, dificuldades na leitura.

A leitura de textos literários pode se transformar em uma das atividades mais alegres e prazerosas, a favorita das crianças, se lhes oferecermos livros de qualidade e belos e se as envolvermos com um ambiente acolhedor e agradável, pois a literatura é sem dúvida um deleite.

Um prazer muito particular que permite imaginar eventos, personagens, lugares, além de enriquecer nossa experiência pessoal e desenvolver a capacidade de compreensão e expressão. Nesse sentido, um bom leitor poderá atuar com mais eficiência em seus estudos e também terá a possibilidade de se tornar um cidadão informado, consciente de suas decisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, v. 3, Brasília, 1998. RIBEIRO, E. A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil. Monografia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

RODRIGUÉZ, L. Processos retóricos e literários em histórias escritas por crianças. Caracas: A Casa de Bello. 1991.

SALINAS, P. O defensor. Madrid: Alliance. 1993.

SANTOS, A. F.; RODRIGUES, G. P.; ASSUNÇÃO, M. B. & FLÁVIANO, S. L. L.

"Quem quiser que conte outra": A contação de histórias como prática educativa. In.: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG – Inovação: Inclusão Social e Direitos, Pirenópolis, 2016.

VANNINI, M. Literatura infantil. Caracas: Universidade Nacional Aberta. 1995.